

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria Comunicativa e Dialógica freireana: aproximações epistemológicas

Ana Paula Feitosa de Carvalho, Ivanilde Apoluceno de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17256>

Submetido em: 2026-08-03

Postado em: 2026-10-23 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOSCOVICI E A TEORIA COMUNICATIVA E DIALÓGICA FREIREANA: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

ANA PAULA FEITOSA DE CARVALHO¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2933-7949>

[<anapaulafeitosa572@gmail.com.br>](mailto:anapaulafeitosa572@gmail.com.br)

IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>

[<nildeapoluceno@gmail.com.br>](mailto:nildeapoluceno@gmail.com.br)

¹ Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará (PA), Brasil.

² Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém, Pará (PA), Brasil.

RESUMO: Este artigo analisa as aproximações epistemológicas entre a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, e a perspectiva comunicativa e dialógica de Paulo Freire, problematizando de que modo esses referenciais contribuem para reconhecer os saberes populares como formas legítimas de compreensão da realidade. O estudo parte da discussão sobre a produção do conhecimento no cotidiano e sobre a necessidade de superar leituras epistemológicas que desconsideram a experiência vivida, a história dos sujeitos oprimidos e seus modos de interpretar o mundo. Tem como objetivo compreender como as categorias sujeito epistêmico, conhecimento, linguagem, escuta e esperança constituem dimensões articuladoras de uma epistemologia comprometida com a dialogicidade, a experiência social e a transformação da realidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada principalmente nas contribuições de Moscovici (2015), Jodelet (2017), Freire (1980; 2013), Oliveira (2015; 2016) e Ornellas e Oliveira (2022). Os resultados indicam que a Teoria das Representações Sociais e a perspectiva freireana convergem na valorização dos sujeitos como produtores de conhecimento, no reconhecimento dos saberes da experiência e na defesa de práticas educativas orientadas pela escuta, pelo diálogo e pela emancipação humana.

Palavras-chave: Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana, Teoria das Representações Sociais, aproximações epistemológicas.

MOSCOVICI'S THEORY OF SOCIAL REPRESENTATIONS AND FREIRE'S COMMUNICATIVE AND DIALOGICAL THEORY: EPISTEMOLOGICAL CONVERGENCES

ABSTRACT: This article analyzes the epistemological approximations between Serge Moscovici's Social Representation Theory and Paulo Freire's communicative and dialogical perspective, problematizing how these frameworks contribute to recognizing popular knowledge as a legitimate way of understanding reality. The study discusses the production of knowledge in everyday life and the need to overcome epistemological approaches that disregard lived experience, the history of oppressed subjects, and their ways of interpreting the world. It aims to understand how the categories of epistemic subject, knowledge, language, listening, and hope constitute articulating dimensions of an epistemology committed to dialogicity, social experience, and the transformation of reality. This is a bibliographic study with a qualitative approach, mainly grounded in the contributions of Moscovici (2015), Jodelet (2017), Freire (1980; 2013), Oliveira (2015; 2016), and Ornellas and Oliveira (2022). The results indicate that Social Representation Theory and Freire's perspective converge in valuing subjects as producers of knowledge,

recognizing experiential knowledge, and defending educational practices guided by listening, dialogue, and human emancipation.

KeyWords: Freirean Communicative and Dialogical Theory, Social Representations Theory, epistemological approximations.

LA TEORÍA DE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DE MOSCOVICI Y LA TEORÍA COMUNICATIVA Y DIALÓGICA DE FREIRE: CONVERGENCIAS EPISTEMOLÓGICAS

RESUMEN: Este artículo analiza las aproximaciones epistemológicas entre la Teoría de las Representaciones Sociales, de Serge Moscovici, y la perspectiva comunicativa y dialógica de Paulo Freire, problematizando de qué modo estos referentes contribuyen al reconocimiento de los saberes populares como formas legítimas de comprensión de la realidad. El estudio parte de la discusión sobre la producción del conocimiento en la vida cotidiana y sobre la necesidad de superar enfoques epistemológicos que desconsideran la experiencia vivida, la historia de los sujetos oprimidos y sus modos de interpretar el mundo. Tiene como objetivo comprender cómo las categorías sujeto epistémico, conocimiento, lenguaje, escucha y esperanza constituyen dimensiones articuladoras de una epistemología comprometida con la dialogicidad, la experiencia social y la transformación de la realidad. Se trata de una investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo, fundamentada principalmente en las contribuciones de Moscovici (2015), Jodelet (2017), Freire (1980; 2013), Oliveira (2015; 2016) y Ornellas y Oliveira (2022). Los resultados indican que la Teoría de las Representaciones Sociales y la perspectiva freireana convergen en la valorización de los sujetos como productores de conocimiento, en el reconocimiento de los saberes de la experiencia y en la defensa de prácticas educativas orientadas por la escucha, el diálogo y la emancipación humana.

Palabras clave: Teoría Comunicativa y Dialógica Freireana, Teoría de las Representaciones Sociales, aproximaciones epistemológicas.

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento no campo educacional tem sido atravessada por debates que questionam os limites da racionalidade científica moderna e reivindicam o reconhecimento de formas plurais de saber. Nesse contexto, ganha relevância a discussão acerca dos conhecimentos produzidos no cotidiano social, especialmente aqueles construídos por grupos historicamente marginalizados dos espaços hegemônicos de produção científica. Tal debate adquire particular importância na Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire, uma vez que esta se fundamenta no reconhecimento dos sujeitos das classes populares como produtores de cultura, conhecimento e transformação social. Desse modo, surge a necessidade de refletir sobre referenciais teóricos capazes de compreender os processos de construção de sentidos elaborados pelos sujeitos em suas experiências concretas de vida e formação.

A Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Serge Moscovici, apresenta contribuições significativas para essa discussão ao compreender que os indivíduos e grupos sociais produzem conhecimentos socialmente compartilhados que orientam suas práticas, interpretações e formas de atuação no mundo. A Teoria Comunicativa e Dialógica freireana afirma a centralidade do diálogo, da experiência e da práxis como fundamentos da produção do conhecimento, reconhecendo os saberes da experiência como elementos constitutivos dos processos educativos emancipatórios. Embora originadas em campos teóricos distintos, compreendemos que ambas as perspectivas apresentam aproximações epistemológicas que permitem analisar e problematizar as relações entre conhecimento, experiência, cultura e transformação social.

O presente artigo apresenta um recorte teórico de uma pesquisa de dissertação de mestrado, ainda em desenvolvimento, em um Programa de Pós-Graduação em Educação, de uma universidade

pública do estado do Pará, sendo adotado como referenciais teórico-metodológicos a Teoria das Representações Sociais, em sua abordagem processual, e a Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire que fundamenta a sua proposta educacional.

A elaboração deste texto justifica-se pela necessidade de aprofundar o diálogo entre a TRS e a Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire, considerando que ambas compartilham preocupações epistemológicas relacionadas à valorização dos saberes produzidos no cotidiano, à centralidade da experiência vivida e ao reconhecimento dos sujeitos como agentes ativos na construção do conhecimento. Ademais, observa-se que, embora existam estudos que utilizem esses referenciais de forma isolada, ainda são limitadas as produções que buscam explorar suas convergências teóricas e suas potencialidades para a compreensão de práticas educativas em diferentes contextos educacionais.

Este artigo tem como objetivo analisar as aproximações epistemológicas entre a Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire, evidenciando contribuições teóricas que possibilitam compreender os processos de produção de sentidos, a construção de conhecimentos e a transformação social em diferentes contextos educacionais. Parte-se do entendimento de que ambas as perspectivas constituem importantes aportes para o desenvolvimento de uma epistemologia crítica, que valorize os saberes do cotidiano sociais no processo de produção do conhecimento.

Para alcançar esse objetivo, o texto está organizado nas seguintes seções: na primeira, esta introdução, se apresenta o objetivo e a relevância do estudo. Na segunda, descreve-se a metodologia. Na terceira, discute-se a Teoria das Representações Sociais como horizonte epistemológico vinculado às epistemologias do cotidiano, enfatizando suas contribuições para a valorização dos saberes produzidos na experiência social. Na quarta, analisa-se as bases epistemológicas da Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire e que fundamenta a sua educação. Na quinta são apresentadas as aproximações epistemológicas entre as duas teorias, tendo como foco as categorias de *sujeito epistêmico*, *conhecimento*, *linguagem*, *escuta* e *esperança*, compreendidas como dimensões fundamentais para a construção de práticas educativas críticas, dialógicas e emancipatórias.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise e interpretação de produções teóricas que discutem a Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana. A opção pela abordagem qualitativa fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos sociais e educacionais envolvem processos complexos de produção de sentidos, valores, experiências e relações humanas que não podem ser reduzidos a dados quantitativos ou a explicações generalizantes. Conforme Minayo (1994), a pesquisa qualitativa dedica-se ao universo dos significados, das crenças, das representações e das práticas sociais, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e aos contextos em que vivem.

Consiste em uma pesquisa bibliográfica, entendida como um processo sistemático de levantamento, seleção, leitura e análise de produções acadêmicas relevantes para a compreensão do objeto investigado. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente por livros, artigos científicos, teses, dissertações e demais produções acadêmicas, possibilitando ao pesquisador estabelecer diálogos teóricos, identificar aproximações conceituais e construir interpretações críticas sobre determinado fenômeno.

A construção deste estudo concentrou-se, principalmente, nos seguintes referenciais teóricos: Moscovici (2015), Jodelet (2017), Freire (1980; 2014), Oliveira (2015; 2016) e Ornellas e Oliveira (2022). A partir da leitura aprofundada dessas produções, foram identificadas categorias analíticas recorrentes que possibilitassem estabelecer interlocuções entre os referenciais selecionados. Entre essas categorias, destacam-se *sujeito epistêmico*, *conhecimento*, *linguagem*, *escuta* e *esperança*, compreendidas como elementos centrais para a reflexão proposta.

O processo analítico foi orientado pela busca de aproximações epistemológicas entre os referenciais estudados, privilegiando discussões relacionadas à produção do conhecimento, à valorização

dos saberes cotidianos, à dialogicidade e ao reconhecimento dos sujeitos populares como produtores de sentidos. Aponta-se ainda as divergências conceituais entre as duas teorias. Nesse percurso, procurou-se descrever alguns conceitos presentes nas obras analisadas, bem como problematizar suas aproximações, tensões e potencialidades para a compreensão dos processos educativos desenvolvidos em contextos educacionais.

Trata-se de um recorte teórico de uma pesquisa de dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do estado do Pará.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A constituição da ciência moderna ocidental esteve historicamente associada à consolidação de um paradigma epistemológico fundamentado nos ideais de universalidade, objetividade e neutralidade. Sustentado por dicotomias como sujeito e objeto, razão e emoção, teoria e prática, esse modelo encontrou no racionalismo cartesiano e na física newtoniana seus principais alicerces, legitimando a matematização da natureza e a quantificação da realidade como critérios privilegiados de produção da verdade. Sob tal perspectiva, a razão foi elevada à condição de instância suprema de inteligibilidade do mundo, convertendo-se em elemento central do projeto moderno de controle, previsibilidade e ordenamento da vida social.

No âmbito das ciências humanas, entretanto, a hegemonia dessa racionalidade produziu tensões significativas. A tentativa de submeter a complexidade das experiências humanas aos parâmetros do positivismo e da lógica formal implicou a marginalização de dimensões constitutivas da vida social, como os afetos, as memórias, os conflitos simbólicos, as subjetividades e os processos históricos. Paralelamente, instituiu-se uma hierarquia epistemológica que conferiu legitimidade exclusiva ao conhecimento científico, relegando os saberes produzidos no cotidiano à condição de conhecimentos inferiores, frequentemente classificados como crenças, opiniões ou formas precárias de compreensão da realidade (Oliveira, 2016).

A partir da segunda metade do século XX, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970, intensificaram-se movimentos críticos voltados à revisão dos pressupostos epistemológicos da modernidade. Correntes de pensamento como a Fenomenologia, a Hermenêutica, o Estruturalismo, o Pós-estruturalismo e, mais recentemente, os estudos decoloniais passaram a questionar a pretensão universalizante da ciência moderna, reivindicando a legitimidade de formas plurais de conhecimento ancoradas na historicidade, na cultura e na experiência vivida. Em comum, essas perspectivas realocaram o foco da produção do conhecimento para os sujeitos concretos e para os contextos sociais nos quais os sentidos são construídos e compartilhados.

Nesse cenário de inflexão paradigmática, ganha visibilidade o reconhecimento das chamadas epistemologias do cotidiano. Trata-se de perspectivas que compreendem o conhecimento como uma produção social inscrita nas práticas culturais, nas experiências coletivas e nos sistemas simbólicos construídos pelos diferentes grupos sociais. Em oposição às concepções que separam conhecimento e existência, essas epistemologias afirmam que os saberes emergem das relações estabelecidas pelos sujeitos com o mundo, sendo continuamente produzidos, negociados e ressignificados no interior da vida cotidiana. Conforme argumenta Oliveira (2016), o cotidiano deixa de ser concebido como um espaço trivial ou secundário para assumir centralidade enquanto território de produção de sentidos e saberes.

A emergência desse novo horizonte epistemológico promove uma ruptura significativa com a lógica estritamente racionalista que orientou a ciência moderna. O vivido, a imaginação, os afetos, as representações, os saberes e cosmovisões de grupos historicamente subalternizados passaram a ser reconhecidos como dimensões legítimas da produção do conhecimento. Em consequência, consolida-se uma compreensão mais complexa do ser humano, concebido como ser histórico, relacional e culturalmente posicionado, cujas práticas sociais são espaços privilegiados de elaboração de saberes e significados (Oliveira, 2016).

É nesse contexto que a Teoria das Representações Sociais (TRS), formulada por Serge Moscovici, desponta como uma contribuição fundamental para a construção de um paradigma epistemológico outro. Por deslocar o foco analítico da ciência institucionalizada para os processos

simbólicos presentes na vida cotidiana, a TRS propõe que os sujeitos produzem conhecimentos socialmente compartilhados que lhes permitem interpretar, organizar e agir sobre a realidade. Dessa forma, Moscovici (2015) atribui legitimidade epistemológica aos saberes produzidos fora dos espaços formais de validação científica, reconhecendo-os como construções sociais dotadas de coerência, historicidade e função prática.

A proposta moscoviciano questiona a centralidade do universo reificado, característico da racionalidade científica moderna, no qual indivíduos, conceitos e instituições são concebidos como entidades estáveis e independentes das relações sociais. Em seu lugar, Moscovici (2015) destaca a relevância do universo consensual, espaço no qual os significados são permanentemente construídos, negociados e compartilhados por meio da comunicação e das interações sociais. Conforme destaca Oliveira (2016), esse reposicionamento implica reconhecer o cotidiano como instância legítima de conhecimento, povoada por saberes que, embora distintos do conhecimento científico, apresentam elevada complexidade na interpretação e condução da vida social.

Nessa perspectiva, representar implica simultaneamente conhecer e agir. As representações são historicamente engendradas, assim como resultam de experiências coletivas e se transformam conforme as mudanças sociais, culturais e políticas. Trata-se, portanto, de formas dinâmicas de produção de sentido que articulam memória, experiência, cultura e poder.

Essa compreensão aproxima a TRS das perspectivas epistemológicas comprometidas com a complexidade, na medida em que rejeita dicotomias rígidas entre sujeito e objeto, razão e emoção, conhecimento e prática. Conforme argumenta Oliveira (2016), a teoria moscoviciano rompe com os ideais de neutralidade e universalidade ao reconhecer que todo conhecimento é socialmente circunscrito, atravessado por relações de poder, afetos, valores e contextos históricos específicos. Em vez de buscar uma verdade desvinculada da experiência humana, a TRS propõe uma ciência atenta às formas pelas quais os sujeitos produzem sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo.

Nesse sentido, as representações sociais assumem um caráter eminentemente coletivo. Conforme destaca Moscovici (2015), elas são constituídas por sistemas compartilhados de conceitos, imagens e percepções transmitidos e transformados no interior dos grupos sociais. Tal compreensão ancora-se na ideia de uma “sociedade pensante”, na qual os indivíduos, para além de receptores passivos de informações ou meros portadores de ideologias, são agentes ativos que produzem, interpretam e comunicam representações sobre os fenômenos que atravessam sua existência cotidiana.

As reflexões desenvolvidas até aqui evidenciam que a Teoria das Representações Sociais ultrapassa os limites de uma teoria voltada exclusivamente para a compreensão dos processos cognitivos e simbólicos. Quando reconhece os sujeitos como produtores de sentidos e os saberes cotidianos como formas legítimas de conhecimento, a TRS contribui para a construção de uma perspectiva epistemológica comprometida com a valorização da experiência humana, da cultura e das relações sociais.

TEORIA COMUNICATIVA DIÁLOGICA DE PAULO FREIRE

Em contraposição à teoria da anti-comunicação e anti-dialógica da educação bancária, que não escuta o outro, sendo impositiva quanto aos conteúdos e valores da cultura dominante, que manipula, divide e silencia o outro, Paulo Freire (1980; 2013) elabora uma teoria comunicativa e dialógica para fundamentar epistemologicamente a sua proposta educacional.

Freire (1980, p. 69) compreende a educação como comunicação, uma ação dialógica, “[...] na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Esta comunicação é feita por palavras, por isso a relação entre pensamento, linguagem e contexto ou realidade. Ressalta o autor que o pensamento se refere à realidade, sendo direta ou indiretamente marcada por ela. Desta forma, o que a linguagem exprime não está isenta destas marcas da realidade.

A educação, em Freire (1980, p. 78), tem por base uma teoria de conhecimento na perspectiva dialética. Ele considera ser a educação uma situação de conhecimento porque “[...] o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes”.

Conforme Oliveira (2019), isso significa que o ser humano, enquanto sujeito capaz de aprender, não se limita a apreender o objeto de conhecimento, pois também se comunica com outros sujeitos, interfere na natureza e constitui-se como ser de práxis, isto é, de reflexão e ação. Acrescenta a autora que o sujeito cognoscente, frente ao objeto cognoscível, questiona, indaga, pergunta a si mesmo e ao outro. Desta forma, a curiosidade e a busca do conhecimento são inerentes à existência humana. Além disso, os sujeitos conhecem para transformar o mundo em colaboração.

Para Oliveira (2019, p. 9):

O conhecimento, na medida em que vai sendo constituído nas relações das pessoas entre si e com a realidade em que vivem, torna-se um processo dinâmico, histórico, permanente, vinculado a existência humana. Consequentemente, todas as formas de interação que o ser humano estabelece no seu processo de comunicação, família, escola, etc., constituem-se como formadores de conhecimento e educativos.

Assim, no processo ensino-aprendizagem, estão presentes a curiosidade e a busca pelo conhecimento, bem como o professor e o aluno são sujeitos do conhecimento e sujeitos aprendentes. A educação freireana é comprometida com a conscientização crítica dos sujeitos, possibilitando-lhes compreender as contradições históricas que atravessam suas existências e reconhecer-se como protagonistas dos processos de transformação social. Os sujeitos deixam de ocupar a posição de receptores passivos do saber para assumirem a condição de produtores de conhecimento, capazes de interpretar criticamente sua realidade e intervir sobre ela.

Materializa-se, desta forma, como uma prática simultaneamente política e estética, que envolve a formação ética dos sujeitos e sua capacidade de produzir sentidos sobre o mundo, bem como pelo engajamento ético-político com os oprimidos sociais, por meio de uma educação crítica, humanizadora e libertadora.

Assim, a educação freireana permite delinear uma epistemologia de comunicação crítica e comprometida com a pluralidade dos saberes, com a valorização da experiência histórica dos sujeitos e com a defesa do direito à palavra como condição de existência e participação social. Corresponde a uma perspectiva que questiona a supremacia das formas hegemônicas de conhecimento e afirma a potência epistemológica dos saberes produzidos no cotidiano, nos territórios populares, nas lutas sociais e nos movimentos coletivos de construção da esperança de uma sociedade mais justa e igualitária.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (TRS) E TEORIA COMUNICATIVA E DIALÓGICA FREIREANA: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Compreendemos ser possível aproximar a TRS da Teoria Comunicativa e dialógica freireana, porque ambas questionam a hierarquização dos saberes produzida pela racionalidade científica moderna. A proposta pedagógica de Paulo Freire se estrutura a partir do reconhecimento dos saberes estabelecidos nas experiências culturais dos sujeitos populares, como protagonistas dos processos educativos e históricos, a TRS problematiza a deslegitimação dos conhecimentos construídos no cotidiano, reconhecendo e legitimando os saberes do senso comum.

Embora oriundas de tradições teóricas distintas, a TRS e a Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana convergem em aspectos fundamentais relacionados à compreensão do conhecimento como construção histórica, social e culturalmente contextualizada. Em contraposição às perspectivas que concebem o saber como produto neutro, universal e desvinculado das condições concretas da existência humana.

Desta forma, em sua dimensão epistemológica, as aproximações entre as duas teorias fundamentam-se na crítica compartilhada aos pressupostos da racionalidade moderna que historicamente separaram sujeito e objeto, razão e experiência, ciência e cotidiano. Ambas as perspectivas reconhecem que o conhecimento não é produzido exclusivamente nos espaços institucionais legitimados pela ciência, visto que ele também se constitui nos territórios da vida cotidiana, nas relações sociais, nas práticas culturais e nas experiências acumuladas pelos diferentes grupos humanos.

Nessa direção, Oliveira (2015; 2019) destaca que a educação, pautada na teoria da comunicação e dialogicidade de Paulo Freire, propõe uma compreensão do conhecimento fundada no diálogo, na escuta e no reconhecimento da alteridade. A autora argumenta que o debate da interculturalidade crítica presente no pensamento de Freire pressupõe a superação de relações hierárquicas entre culturas e saberes, reconhecendo os sujeitos como produtores de conhecimentos legítimos. O diálogo, nesse contexto, assume a condição de princípio epistemológico capaz de possibilitar o encontro entre diferentes formas de interpretar e significar o mundo. Para Freire (2013), a palavra assume uma dimensão política e transformadora, o que evidencia a indissociabilidade entre linguagem, ação e produção do conhecimento. A palavra é um instrumento de comunicação, assim como expressa-se como mediação entre os sujeitos e a realidade histórica. Por meio dela, homens e mulheres interpretam suas condições de existência, denunciam situações de opressão e anunciam possibilidades de transformação. A dialogicidade torna-se, assim, fundamento da práxis educativa e condição para a construção coletiva do conhecimento.

A centralidade atribuída ao diálogo conduz igualmente à valorização da escuta. Assim, tanto na TRS quanto na teoria freireana, compreender os sujeitos implica reconhecer suas narrativas, experiências e formas próprias de produzir sentidos. A escuta, nesse contexto, adquire dimensão ética, política e epistemológica, uma vez que possibilita o acesso aos conhecimentos produzidos nos diferentes contextos socioculturais e contribui para o reconhecimento da diversidade de experiências humanas.

Desse modo, essas aproximações ultrapassam afinidades conceituais pontuais. Trata-se de uma convergência teórica que reafirma a necessidade de uma ciência comprometida com a pluralidade dos saberes, com a valorização da experiência humana e com a construção de práticas educativas orientadas pela emancipação, pela justiça social e pelo reconhecimento da dignidade dos sujeitos historicamente marginalizados.

A partir dessas considerações, passa-se à análise das categorias *sujeito epistêmico*, *conhecimento*, *linguagem*, *escuta* e *esperança*, as quais serão discutidas e compreendidas como expressões de um horizonte epistemológico compartilhado.

Quadro 1. Convergências Epistemológicas entre a Teoria das Representações Sociais de Moscovici e a Teoria Comunicativa e Dialógica de Paulo Freire

Categoria	TRS (Moscovici, 2015; Jodelet, 2017; Ornellas e Oliveira, 2022)	Teoria Comunicativa e Dialógica (Freire, 1980, 2013, 2019 e Oliveira, 2015, 2019)
<i>Sujeito epistêmico</i>	• Sujeito social, histórico, afetivo, comunicativo e produtor de sentido.	• Sujeito inacabado, sujeito de seu conhecimento, história e cultura. Produtor de conhecimento e criador de cultura. Sujeito intercultural, situado entre culturas e saberes em tensão; • O ser humano no processo de conhecimento visto em sua integralidade (corpo-consciência, ser biológico-sociocultural); • Sujeito oprimido socialmente, mas sujeito epistêmico e de direitos sociais.
<i>Conhecimento</i>	• Valorização do saber do senso comum, que envolvem relações sociais de comunicação; • Representação social situada, ancorada no vivido.	• Valorização do Saber da experiência e dos saberes populares; • Estabelece relação dialógica e dialética entre o saber científico e o saber do senso comum;

		• Relativiza o conhecimento ao colocar o conhecimento em um processo dialético e de constante elaboração e superação; • Conhecimento intercultural, dialógico, político, estético e ético.
<i>Linguagem</i>	• Mediação simbólica do mundo, estruturada socialmente; • A linguagem possibilita a circulação de ideias, valores, crenças e memórias coletivas na sociedade.	• Dizer a palavra apresenta dimensão existencial, afirmar o ser humano como sujeito e política, por ser ação democrática do sujeito participar da transformação social; • Palavra como ação, palavra como denúncia e anúncio; • Linguagem, forma de nomear o mundo e ruptura com o silenciamento discursivo do oprimido; • Linguagem como mediadora de encontro entre diferentes universos culturais; • A linguagem torna-se um território de negociação, aprendizagem e construção compartilhada de significados.
<i>Escuta</i>	• A escuta visa aprender como os sujeitos constroem, interpretam e representam a vida cotidiana e o contexto social mais amplo; • Reconhecimento das fronteiras discursivas.	• Gesto pedagógico e político de acolhimento do outro; • A escuta é o reconhecimento da alteridade e viabiliza o diálogo; • Fundamento da práxis intercultural e dialógica transformadora.
<i>Esperança</i>	• Potencial antecipatório nas representações coletivas.	• Categoria ética e epistemológica de perspectiva de mudança social; • Síntese simbólica de uma práxis educativa com dignidade e de um futuro compartilhado em uma sociedade justa e igualitária; • Luta e enfrentamento de mudança social.

Fonte: as autoras (2026).

a) Categoria sujeito epistêmico

Na categoria sujeito epistêmico, a Teoria das Representações Sociais contribui para problematizar compreensões que historicamente conceberam o sujeito como uma entidade abstrata, universal e desvinculada das condições concretas de sua existência. Ao situá-lo no interior das relações sociais, culturais e históricas, a TRS evidencia que a produção de sentidos ocorre em processos de interação contínua com o mundo e com os outros. As representações sociais são elaboradas em contextos específicos, atravessados por memórias, valores, afetos e experiências compartilhadas, o que permite compreender o sujeito como participante ativo da construção da realidade social (Jodelet, 2017).

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva epistemológica freireana que compreende ser a educação uma relação comunicativa e dialógica entre sujeitos de conhecimento, na qual os sujeitos não atuam como recebedores de conhecimentos que outros fazem e doam ou prescrevem, sendo capazes de

problematizar e criticizar o conhecimento em confronto com a realidade (Freire, 1980). Educação que reconhece também que homens e mulheres se constituem historicamente em suas relações com o mundo.

Em Freire (2013), o inacabamento humano expressa a permanente possibilidade de aprender, reinventar-se e transformar a realidade. Os sujeitos se fazem na práxis, na medida em que refletem criticamente sobre suas experiências e atuam para modificar as condições que limitam sua humanidade. O reconhecimento da opressão, nesse processo, assume importância fundamental porque possibilita a construção de uma consciência crítica comprometida com a busca do ser mais.

Na Teoria de comunicação de Freire, a constituição dos sujeitos ocorre em contextos marcados pela diversidade cultural, pelas diferenças e pelas relações de poder que atravessam os processos de produção do conhecimento. Conforme Oliveira (2015), os sujeitos não podem ser compreendidos de forma dissociada de seus pertencimentos culturais, de suas trajetórias históricas e dos saberes construídos em seus contextos de vida. Logo, a educação freireana propõe o reconhecimento desses sujeitos como portadores de conhecimentos legítimos, produzidos em espaços frequentemente invisibilizados pelas epistemologias hegemônicas.

b) Categoria conhecimento

No que se refere à categoria conhecimento, a Teoria das Representações Sociais compreende que os sujeitos produzem interpretações sobre o mundo a partir de suas experiências concretas, elaborando sistemas de significados que lhes permitem compreender a realidade e orientar suas práticas cotidianas. Conforme discutido por Oliveira e Ornellas (2022), Moscovici demonstra que as representações sociais constituem formas de conhecimento socialmente produzidas e compartilhadas, resultado de processos coletivos de comunicação, interação e negociação de sentidos. Conhecer, nessa perspectiva, relaciona-se com a necessidade humana de atribuir inteligibilidade ao mundo vivido, transformando o desconhecido em algo familiar e socialmente compreensível.

Ao discutir a dinâmica das representações sociais, Jodelet (2017, p. 28) destaca um aspecto particularmente relevante para a compreensão dos processos históricos e sociais:

Por outro, o estudo das representações permite apreender a história sendo feita. Elas têm, de algum modo, um valor premonitório ou antecipatório; uma potencialidade pouco reconhecida, mas que fundamenta o alcance de seu estudo para uma análise das dinâmicas sociais.

Essa reflexão permite compreender que as representações sociais também revelam expectativas, inquietações, projetos e formas emergentes de compreender a realidade. Ao analisar aquilo que os sujeitos pensam, sentem e compartilham coletivamente, torna-se possível identificar movimentos que anunciam transformações em curso, evidenciando que o conhecimento produzido no cotidiano participa ativamente da construção da vida social. Logo, torna-se possível compreender movimentos históricos em constituição, desejos coletivos ainda não plenamente materializados e processos de mudança que emergem no interior das experiências cotidianas. As representações carregam marcas do passado, dialogam com o presente e projetam possibilidades de futuro.

A Teoria Comunicativa e dialógica Freireana dialoga com essa compreensão ao situar o conhecimento no interior da experiência humana e da ação transformadora. Em Freire (1980), conhecer corresponde ao processo pelo qual os sujeitos problematizam criticamente sua realidade e constroem novas leituras sobre ela. Caracteriza-se como um movimento permanente de reflexão e ação, no qual a produção do conhecimento se articula à capacidade de intervir no mundo.

Ao discutir essa relação entre conhecimento e transformação social, Freire (2013, p. 27) afirma:

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em 'círculos de segurança', nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos.

A passagem evidencia que o conhecimento se produz na relação viva entre os sujeitos e a realidade histórica. O diálogo ocupa posição central nesse processo, pois possibilita o encontro entre

diferentes experiências e formas de interpretar o mundo. O saber emerge da problematização das situações concretas vividas pelos sujeitos e se fortalece na práxis, compreendida como a articulação entre reflexão crítica e ação transformadora. Portanto, o ato de conhecer envolve curiosidade, inquietação e abertura para questionar aquilo que frequentemente se apresenta como natural ou imutável. Quando homens e mulheres problematizam suas experiências, transformam situações vividas em objetos de reflexão crítica e passam a reconhecer as contradições presentes em seus contextos de existência.

Freire (1980) destaca que a intercomunicação é característica do mundo cultural e histórico dos seres humanos, bem como que os processos de conhecimento são atravessados pela diversidade cultural, significando que a relação comunicativa entre os sujeitos possibilita o ato cognitivo, bem como que os sujeitos conhecem a partir dos lugares que ocupam, das memórias que carregam, das tradições que os constituem e das experiências compartilhadas em seus grupos sociais.

Oliveira (2015) chama atenção para a necessidade de reconhecer a coexistência de múltiplas racionalidades e formas de produção do saber. Essa compreensão possibilita questionar hierarquias epistemológicas que historicamente desqualificaram conhecimentos produzidos por populações indígenas, quilombolas, dos campos, ribeirinhas e demais grupos populares.

Ao aproximar essas perspectivas, compreendemos o conhecimento como uma construção coletiva que articula experiência, cultura, diálogo e ação transformadora. Cada sujeito interpreta o mundo a partir de sua trajetória, mas essa interpretação ganha sentido social quando compartilhada, debatida e reconstruída em interação com outros sujeitos. O conhecimento assume, assim, uma dimensão profundamente humana, vinculada à necessidade de compreender a vida, enfrentar desafios e construir horizontes de existência mais dignos.

c) A categoria linguagem

A categoria linguagem ocupa posição central nesse debate porque constitui uma das principais mediações por meio das quais os sujeitos produzem e compartilham significados. Na Teoria das Representações Sociais, a linguagem participa ativamente dos processos de construção da realidade social, possibilitando a circulação de ideias, valores, crenças e memórias coletivas (Jodelet, 2017). As palavras, para além de instrumentos de comunicação, organizam percepções, expressam pertencimentos e revelam formas particulares de compreender o mundo. As representações sociais circulam por meio de falas, gestos e encontros no universo do cotidiano.

Na obra de Paulo Freire (2013), a palavra assume uma dimensão profundamente política e existencial. Dizer a palavra significa afirmar-se como sujeito, interpretar criticamente a realidade e participar da sua transformação. A linguagem expressa a capacidade humana de nomear o mundo e, ao mesmo tempo, de recriá-lo.

Para Freire (1993, p. 19):

Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. Sujeitos de uma prática que se veio tornando política, gnosiológica, estética e ética.

Quando determinados grupos são impedidos de falar ou têm suas vozes sistematicamente deslegitimadas, ocorre um processo de silenciamento discursivo e, além disso, uma forma de negação de sua humanidade e de sua condição de sujeitos históricos.

Oliveira (2015) explica que a linguagem é compreendida por Freire, como mediadora de encontro entre diferentes universos culturais. Cada língua, cada narrativa e cada forma de expressão carrega modos específicos de interpretar a realidade e produzir conhecimento. O diálogo intercultural pressupõe reconhecer que os sentidos surgem das múltiplas experiências humanas que coexistem em uma mesma sociedade. Nessa perspectiva, a linguagem torna-se um território de negociação, aprendizagem e construção compartilhada de significados.

Ao considerar essas contribuições, percebe-se que a linguagem constitui um dos principais meios pelos quais os sujeitos elaboram suas representações, compartilham experiências e constroem formas coletivas de compreensão do mundo. Ela articula memória, identidade, cultura e conhecimento, tornando possível a produção de sentidos que orientam a ação humana.

d) A categoria escuta

A escuta revela uma dimensão frequentemente invisibilizada nos debates sobre conhecimento. Na Teoria das Representações Sociais, escutar significa acessar os significados produzidos pelos sujeitos em suas experiências concretas, buscando compreender os sentidos que orientam suas práticas e modos de interpretar a realidade. O interesse pelas representações implica reconhecer que há conhecimentos sendo produzidos continuamente nos espaços cotidianos da vida social.

Ornellas e Oliveira (2022) explicam que a TRS se interessa em escutar os sujeitos inseridos nos grupos sociais, com vistas a aprender como constroem, interpretam e representam a vida cotidiana e o contexto social mais amplo.

As contribuições de Oliveira e Ornellas (2022) permitem compreender que a escuta também possui uma dimensão afetiva. Quando os sujeitos narram suas experiências, compartilham medos, expectativas, dores e esperanças. Escutar envolve acolher essas narrativas e reconhecer sua potência na produção do conhecimento. Muitas vezes, são precisamente as vozes situadas nas margens sociais que revelam aspectos da realidade que permanecem invisíveis aos discursos dominantes.

Na teoria comunicacional e dialógica Freireana, a escuta assume uma densidade ética e política ainda mais evidente. Escutar implica reconhecer o outro como sujeito capaz de pensar, interpretar e produzir conhecimento sobre sua própria realidade. Desse modo, ela rompe com posturas autoritárias e abre espaço para relações educativas fundamentadas no diálogo, na humildade e no respeito mútuo, configurando-se como uma atitude que exige disposição para aprender com as experiências dos outros e para questionar certezas previamente estabelecidas.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro (Freire, 2019, p. 117).

A escuta constitui condição fundamental para o reconhecimento da alteridade. Escutar diferentes sujeitos, culturas e modos de vida significa admitir que nenhuma forma de conhecimento esgota a complexidade da realidade. Assim, a escuta possibilita o encontro com perspectivas que desafiam visões cristalizadas e ampliam os horizontes de compreensão do mundo. A escuta possibilita o diálogo.

e) A categoria Esperança

Por fim, a esperança atravessa todas as demais, porque se relaciona com a capacidade humana de projetar futuros e imaginar possibilidades de transformação. Embora a esperança não apareça como conceito central na Teoria das Representações Sociais, ela pode ser compreendida como uma representação social construída coletivamente em contextos marcados por desigualdades, resistências e lutas por reconhecimento. Os grupos sociais elaboram imagens de futuro que orientam suas ações no presente e alimentam processos de mobilização coletiva.

Ornellas e Oliveira (2022) explicam que a representação social promove a interação social, orienta condutas dos atores sociais, possibilitando-lhes ter sentido de pertencimento social, na medida em que é internalizada sob a forma de consciência compartilhada. Para as autoras, as representações sociais:

[...] apresentam-se como explicativas, definidoras de identidades orientadoras e justificam tomadas de posições e comportamentos sociais. Contribui para superar as meras opiniões para um estudo pautado em uma estrutura conceitual, bem como para compreender as complexas redes simbólicas e de significados presentes nas práticas sociais (Ornellas; Oliveira, 2022, p. 70).

Em Freire (2006), a esperança assume um lugar fundamental. Ela nasce da consciência de que a realidade histórica é inacabada e, por isso, passível de transformação. Esperançar não corresponde a aguardar passivamente que mudanças aconteçam, mas participar ativamente da construção dessas mudanças. A esperança se manifesta no compromisso com a vida, com a justiça social e com a possibilidade de reinventar o mundo.

Freire (2006) reconhece que diferentes grupos sociais produzem projetos de futuro ancorados em suas experiências culturais e históricas. Sonhos, memórias, narrativas e expectativas integram processos coletivos de resistência e produção de alternativas diante das múltiplas formas de

exclusão. A esperança torna-se, assim, um elemento que conecta passado, presente e futuro, fortalecendo a capacidade dos sujeitos de persistirem em suas lutas e reafirmarem sua dignidade.

Sob essa perspectiva, a esperança pode ser compreendida como uma força que mobiliza saberes, fortalece identidades coletivas e alimenta processos de transformação social. Ela atravessa as representações construídas pelos sujeitos acerca de si mesmos e do mundo, constituindo um horizonte ético-político que orienta práticas educativas comprometidas com a emancipação humana.

Assim, esses referenciais compartilham a compreensão de que o conhecimento é produzido nas relações humanas, nas experiências cotidianas e nos processos históricos vividos pelos sujeitos. Tal aproximação possibilita reconhecer que os saberes experienciais e populares constituem formas legítimas de interpretar a realidade e de construir respostas diante dos desafios impostos pela vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico desenvolvido neste artigo possibilitou compreender os processos de produção de sentidos, construção do conhecimento e transformação sociais presentes nas teorias de Moscovici e Freire analisadas. Partiu-se do entendimento de que ambas as perspectivas, embora oriundas de tradições teóricas distintas, compartilham uma compreensão crítica acerca da produção do conhecimento, reconhecendo a centralidade da experiência humana, do cotidiano e dos sujeitos historicamente situados.

As discussões realizadas permitiram identificar que a Teoria das Representações Sociais rompe com perspectivas que restringem a produção do conhecimento aos espaços institucionalizados da ciência, atribuindo relevância aos saberes produzidos nas interações sociais, nas práticas culturais e nas experiências compartilhadas pelos grupos sociais. De forma convergente, a Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana afirma a legitimidade dos saberes experienciais e populares e compreende a educação como um processo dialógico, ético e político, comprometido com a conscientização e a transformação das condições concretas de existência dos sujeitos.

Para Freire os processos de produção do conhecimento são atravessados pela diversidade cultural, pelas relações de poder e pelas múltiplas formas de interpretar o mundo. Nessa perspectiva, a valorização da alteridade, da escuta e do diálogo reafirma a necessidade de uma ciência aberta à pluralidade epistemológica e comprometida com o reconhecimento dos conhecimentos produzidos por grupos historicamente marginalizados.

A análise das categorias *sujeito epistêmico*, *conhecimento*, *linguagem*, *escuta* e *esperança* possibilitou compreender que esses elementos constituem pontos de encontro entre os referenciais estudados. Em comum, tais perspectivas concebem os sujeitos como produtores de conhecimento, reconhecem a linguagem como espaço de construção de sentidos, compreendem a escuta como condição para o diálogo e atribuem à esperança uma dimensão ética e política vinculada à possibilidade de transformação da realidade.

Desse modo, argumenta-se que o diálogo entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana oferece importantes contribuições para o campo da Educação, especialmente ao fortalecer perspectivas que compreendem o cotidiano como espaço legítimo de produção de saberes. Tal aproximação favorece a construção de práticas educativas mais sensíveis às experiências dos sujeitos, mais comprometidas com a democratização do conhecimento e mais atentas às vozes que historicamente foram silenciadas pelos modelos hegemônicos de produção científica.

Por fim, considera-se que as reflexões aqui apresentadas não esgotam as possibilidades de interlocução entre esses referenciais. Ao contrário, apontam para a necessidade de aprofundar investigações que articulem a Teoria das Representações Sociais, a Teoria Comunicativa e Dialógica Freireana e outras perspectivas críticas comprometidas com a justiça cognitiva e social. Nessa direção, reafirma-se a importância de produzir que contribuam para sua transformação, fortalecendo processos educativos pautados no diálogo, na participação, na esperança e na construção coletiva de futuros mais democráticos e humanizadores.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. p. 17-44.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Educação popular: história, concepções e práticas educativas*. Belém: CCSE/UEPA, 2011.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Epistemologia intercultural crítica: interfaces com a educação popular freireana*. Belém: CCSE/UEPA, 2015.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *A epistemologia na educação de Paulo Freire*. Mimeo. Belém: PPGED/UEPA, 2019.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Representações sociais: diálogos entre Serge Moscovici e Paulo Freire*. Curitiba: CRV, 2022.

Submetido: XX/XX/20XX

Preprint: XX/XX/20XX

Aprovado: XX/XX/20XX

Editor de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA – TAXONOMIA CREDIT

Ana Paula Feitosa de Carvalho:

- Conceituação (Conceptualization)
- Análise formal (Formal Analysis)
- Investigação (Investigation)
- Metodologia (Methodology)
- Administração do projeto (Project Administration)
- Redação — preparação do rascunho original (Writing – Original Draft Preparation)
- Redação — revisão e edição (Writing – Review & Editing).

Ivanilde Apoluceno de Oliveira:

- Conceituação (Conceptualization)
- Análise formal (Formal Analysis)
- Investigação (Investigation)
- Metodologia (Methodology)
- Supervisão (Supervision)
- Validação (Validation)
- Visualização (Visualization)
- Redação — preparação do rascunho original (Writing – Original Draft Preparation)
- Redação — revisão e edição (Writing – Review & Editing).

DECLARAÇÃO QUANTO AO USO DE RECURSOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Os autores declaram que não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa na elaboração deste manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE FINECNCIAMENTO

Os autores declaram que o estudo contou inicialmente com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.